

CULTURA E SOCIEDADE

DANILA BARBOSA DE CASTILHO
(ORGANIZADORA)



CULTURA E SOCIEDADE

DANILA BARBOSA DE CASTILHO
(ORGANIZADORA)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Lorena Prestes

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
 (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C968 Cultura e sociedade [recurso eletrônico] / Organizadora Danila
 Barbosa de Castilho. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-86002-01-0
 DOI 10.22533/at.ed.010201402

1. Cultura. 2. Política cultural. 3. Sociedade. I. Castilho, Danila
 Barbosa de.

CDD 353.70981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

As manifestações culturais são uma das muitas características dos diversos grupos sociais. Assim, as produções cinematográficas, festejos, linguagens e religiosidades constituem-se de suma importância na elaboração de pensamentos críticos, identificações e difusão dos conhecimentos de um grupo.

Tais manifestações são permeadas por conflitos, disputas, percepções e experiências vividas, as quais precisam ser valorizadas em detrimento a imposição de uma cultura global, hegemônica e eurocêntrica. Pois em diversos momentos históricos as manifestações culturais populares foram, e ainda são, muitas vezes silenciadas e por vezes se refletem nos processos educacionais.

Os textos aqui apresentados nos proporcionam reflexões acerca das trajetórias de diferentes sujeitos, e nos motivam a descolonizar a cultura, o imaginário e as identidades.

Danila Barbosa de Castilho

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“PROJETO BORA?”: UM INTENTO DE INSERÇÃO DA CIDADE DE TUCANO-BA NO TEXTO DO REGIONALISMO NORDESTINO	
Marcelo Cerqueira Cesar Filho	
DOI 10.22533/at.ed.0102014021	
CAPÍTULO 2	12
A ICONOGRAFIA NA PINTURA DE ALBERTO VALENÇA (1890-1983)	
Vera Spínola	
DOI 10.22533/at.ed.0102014022	
CAPÍTULO 3	25
PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DE SENTIDOS SOBRE O DOCUMENTÁRIO FEVEREIROS	
Gilmar Adolfo Hermes	
DOI 10.22533/at.ed.0102014023	
CAPÍTULO 4	37
FERNANDO PESSOA ENTRE TRADIÇÃO E CONTEMPORANEIDADE	
Rafaela Favarin Somera	
DOI 10.22533/at.ed.0102014024	
CAPÍTULO 5	51
TEMPORALIDADE: IMAGEM E PODER NA <i>PROPAGANDA FIDE</i> INQUISITORIAL	
Geraldo Pieroni	
DOI 10.22533/at.ed.0102014025	
CAPÍTULO 6	65
TIRANDO O BLOCO DA AVENIDA: A CRISE NOS BLOCOS DE CARNAVAL DE RUA NO RIO DE JANEIRO E EM SALVADOR	
Diego Santos Vieira de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.0102014026	
CAPÍTULO 7	85
O <i>PRESIDENTE NEGRO</i> : EUGENIA EM MONTEIRO LOBATO?	
Erick Vinicius Mathias Leite	
Sônia Filiú Albuquerque Lima	
DOI 10.22533/at.ed.0102014027	
CAPÍTULO 8	95
CABILA E IJEXÁ: INTERCONEXÕES ENTRE RITMOS DE DUAS CULTURAS	
Adrian Estrela Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.0102014028	

CAPÍTULO 9	105
ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER EM ESCOLAS PÚBLICAS DE ENSINO MÉDIO EM SÃO LUÍS	
Christianne Rose de Sousa Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.0102014029	
CAPÍTULO 10	108
REFLEXÕES SOBRE O MACHISMO NA ETNOGRAFIA DOMÉSTICA DE KARIM AÏNOUZ: O “PATRIARCADO SEM HOMENS” EM SEAMS	
Everaldo Asevedo Mattos	
DOI 10.22533/at.ed.01020140210	
CAPÍTULO 11	121
A PRESENÇA DO RACISMO NA TRAJETÓRIA DE MULHERES NEGRAS NO MUNDO DO TRABALHO: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA	
Taíse Dos Anjos Santos	
Taynan Alves Filgueiras	
DOI 10.22533/at.ed.01020140211	
CAPÍTULO 12	142
JOVENS NEGROS NA ESCOLA, DA EXISTÊNCIA AS REEXISTÊNCIAS: REFLEXÕES TEÓRICAS	
Maria Valdete Vitoria da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.01020140212	
CAPÍTULO 13	152
INFÂNCIA E TECNOLOGIA: PRÁTICAS DE UMA CULTURA DIGITAL	
Pedro Almeida Silva	
DOI 10.22533/at.ed.01020140213	
CAPÍTULO 14	162
DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO	
Bianca de Paula Santos	
Carmen Lúcia da Silva Santos	
DOI 10.22533/at.ed.01020140214	
CAPÍTULO 15	174
AQUARIUS: EDIFICANDO O DESCOLONIAL	
Jacqueline Gama de Jesus	
Ana Lúgia Leite e Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.01020140215	
CAPÍTULO 16	188
LOBO ANTUNES: UMA VOZ LUSÓFONA QUE REPRESENTA A MEMÓRIA DA GUERRA COLONIAL EM ANGOLA EM TEMPOS PÓS-COLONIAIS	
Romilton Batista de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.01020140216	

CAPÍTULO 17	197
'PORTUGALIDADE' NA(S) LUSOFONIA(S): UM CONTRASSENDO	
Vitor de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.01020140217	
CAPÍTULO 18	219
DA AUSÊNCIA À PRESENÇA: O EXEMPLO DO TACHO DO MUSEU GRUPPELLI, PELOTAS - RS	
Davi Kiermes Tavares	
José Paulo Siefert Brahm	
Diego Lemos Ribeiro	
Juliane Conceição Primon Serres	
DOI 10.22533/at.ed.01020140218	
CAPÍTULO 19	234
DESCOBRINDO USPANU	
Surama Sulamita Rodrigues de Lemos	
Thiago Augusto Oliveira de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.01020140219	
CAPÍTULO 20	239
PERVERSÃO: CONCEITO E CONCEPÇÕES SOBRE A PEDOFILIA	
Ivana Suely Bezerra Paiva Mello	
Ana Kalline Soares Castor	
Leda Maria Maia Rodrigues Carvalho	
Mylena Menezes de França	
Silvana Barbosa Mendes Lacerda	
Daniela Heitzmann Amaral Valentim de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.01020140220	
CAPÍTULO 21	253
SUBSÍDIOS TEÓRICOS PARA MENSURAÇÃO DA SEXUALIDADE EM PESQUISAS PSICOMÉTRICAS	
Alexandre de Oliveira Marques	
José Augusto Evangelho Hernandez	
DOI 10.22533/at.ed.01020140221	
CAPÍTULO 22	265
A DIVERSIDADE CULTURAL PELO OLHAR KAINGANG	
Claudio Luiz Orço	
Elizandra Iop	
DOI 10.22533/at.ed.01020140222	
SOBRE A ORGANIZADORA	280
ÍNDICE REMISSIVO	281

AQUARIUS: EDIFICANDO O DESCOLONIAL

Data de aceite: 31/01/2020

Jacqueline Gama de Jesus

Aluna do curso de graduação em letras vernáculas da Universidade Federal da Bahia (UFBA), bolsista CNPQ do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). E-mail: jacdemais@gmail.com.

Ana Lígia Leite e Aguiar

Professora adjunta de Literatura Brasileira na Universidade Federal da Bahia. E-mail: analigialeite@gmail.com.

RESUMO: A obra fílmica *Aquarius* (2016), do diretor Kleber Mendonça Filho, é um dos objetos da pesquisa “*O Som ao Redor de Aquarius: reflexões anticoloniais de um Brasil Contemporâneo*”. Neste produto imagético cultural, podemos visualizar alguns gestos que buscam repensar a permanência de práticas neocoloniais em nosso país, ao abordar temáticas que marcaram a história nacional, como a ditadura militar brasileira, o Impeachment de Dilma Rousseff e o domínio das elites no Brasil. Esses elementos estão rodeando a obra dentro e fora da narrativa, uma vez que as temáticas do filme remetem a esses fatos da conjuntura brasileira seja pela própria narrativa ou manifestações extra fílmicas emitidas pelo

Estado brasileiro e pelos próprios realizadores da película, dentre eles o diretor Kleber Mendonça Filho. Para tanto, cotejaremos essas impressões elencadas com a fortuna crítica que a filmografia do cineasta pernambucano vem ganhando no campo especializado, procurando traçar, ao mesmo tempo, o perfil político que a obra do diretor assume no cenário brasileiro de cinema. A fim de refletir sobre esse produto imagético cultural será utilizada a fortuna crítica do teórico argentino Walter Mignolo (2008) que define o *descolonial*. Também, com o intuito de dialogar com as reflexões propostas serão utilizados os teóricos: Achille Mbembe (2017), Franz Fanon (1968), Georges Didi-Huberman (2017), Hugo Achugar (2006), Jessé Souza, (2015) Sergio Buarque de Holanda (2014) e Vladimir Safatle (2015).

PALAVRAS-CHAVE: Aquarius, Descolonial, América Latina.

INTRODUÇÃO

Pensando na potência *descolonial* para a conjuntura brasileira contemporânea e para o cinema nacional, no ano de 2018 pesquisei as produções audiovisuais *O Som ao Redor* (2013) e *Aquarius* (2016), filmes dirigidos por Kleber Mendonça Filho. Esse artigo originalmente foi publicado nos anais do ENECULT de 2019 e

aqui sofreu algumas modificações. Também, hoje ele é caro para entender a filmografia de Kleber Mendonça Filho e a importância de manter as produções audiovisuais do país já que elas reverberam a identidade nacional e contribuem para a reflexão das identidades coletivas.¹

Ao falar de *O som ao Redor* (2013) explorei as questões relacionadas a colonialidade, principalmente em torno da personagem de Sr. Francisco, o qual representa o imaginário do senhor de engenho que aqui dialogará com a família Bonfim e com o imaginário da elite brasileira. Nesse espaço também fiz algumas considerações acerca da personagem de Clara e da representação do edifício *Aquarius* como uma estrutura colonial em ruínas, sendo esse também uma metonímia de Brasil, ponto que foi comparado com as casas demolidas em *O Som ao Redor* (2016), podendo constituir um fio de continuidade das tramas por forma e conteúdo. Visto isso, nesse artigo despedirei sobre *Aquarius*, um dos objetos comparativos da minha pesquisa.

ADENTRANDO O DESCOLONIAL

O *descolonial* perpassa pela desobediência epistêmica. Essa conceituação teórica foi criada por Walter Dignolo juntamente com os membros do grupo de pesquisa intitulado Modernidade/Colonialidade constituído no final da década de 1990. Além de Dignolo esse era composto por: Aníbal Quijano, Enrique Dussel, Immanuel Wallerstein, Santiago Castro-Gómez, Nelson Maldonado-Torres, Ramón Grosfoguel, Edgardo Lander, Arturo Escobar, Fernando Coronil, Catherine Walsh, Boaventura Santos, Zulma Palermo. Todos provenientes de países da América Latina, exceto Boaventura de Souza Santos que é português e leciona em Coimbra, entretanto, não existia nenhum membro do grupo que fosse brasileiro. O Brasil apresenta-se como uma célula amorfa já que apesar de ser colônia não se assume como tal, principalmente por ser o país mais rico da América Latina, portanto no país esse pensamento está exposto nos corpos racializados que não gozam de privilégios. No texto sobre a desobediência epistêmica de 2008, ao que tange a questão dessa teoria no Brasil, Dignolo afirma:

Na América do Sul, na América Central e no Caribe, o pensamento descolonial vive nas mentes e corpos de indígenas bem como nas de afrodescendentes. As memórias gravadas em seus corpos por gerações e a marginalização sócio-política a qual foram sujeitos por instituições imperiais diretas, bem como por instituições republicanas controladas pela população crioula dos descendentes europeus, alimentaram uma mudança na geo- e na política de Estado de conhecimento. O “pensamento descolonial castanho” construído nos Palenques nos Andes e nos quilombos no Brasil, por exemplo, complementou o “pensamento indígena descolonial” trabalhando como respostas imediatas à invasão progressiva das nações imperiais europeias (Espanha, Portugal, Inglaterra, França, Holanda). (MIGNOLO, 2008, p.291)

A desobediência epistêmica no Brasil então é abrangida quando a classe média entra em contato com esses corpos periféricos e entende-se por colonizada

¹ Essas questões identitárias são evidenciadas de forma escancarada em Bacurau (2019), co-direção de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles.

em comparação ao centro (Europa e E.U.A). Essa teoria significa pensar a partir de países periféricos como os constituintes da América Latina em conjunto com as teorias hegemônicas dos países eurocêntricos. Sendo assim, a intenção não é a de inferiorizar ou abandonar o pensamento europeu, mas de problematizar questões em torno de diferenças não apenas de classe, mas de raça e gênero. A teoria europeia não alcança essas problemáticas porque o mundo eurocêntrico desde a colonização foi constituído como o mundo superior para que se legitimasse a exploração colonial.

Nessa conjuntura é importante enfatizar que os filmes de Kleber Mendonça Filho questionam a posição da classe média brasileira ao que tange a colonização no Brasil. O diretor comportasse como um intelectual orgânico já que é um homem branco da classe média criticando a classe média, segundo Gramsci: “os intelectuais “orgânicos, que cada nova classe cria consigo e elabora em seu desenvolvimento progressivo, são, na maioria das vezes, “especializações” de aspectos parciais da atividade primitiva do tipo social novo que a nova classe deu à luz.” (MONASTA apud GRAMSCI, 2010, p.93) Sendo assim, esses surgem de acordo com as necessidades de seu tempo.

Mulher branca, jornalista, pertencente a classe média, detentora de um capital cultural². A protagonista Clara, protagonista do *Aquarius* (2016), exerce uma função questionadora mesmo representando uma classe social ascendente. Confronta o sistema hegemônico colonial em que o homem branco da classe média alta tenta expulsá-la do seu apartamento para construir um novo dito mais moderno, esse, portanto, exerce o papel do colonizado que tenta se assemelhar ao colonizador. Já ela assume-se como parte do legado colonial e se revolta contra a persistência desse mesmo sistema colonial. Entretanto é importante enfatizar que apesar de assumir sua posição no mundo, goza de privilégios em comparação às camadas mais emergentes e isso é perceptível principalmente na relação com sua empregada doméstica que, por mais amigável que seja, ainda possui uma hierarquia. Logo, essas contradições e posicionamento permeiam o *descolonial*, denunciando principalmente a classe média brasileira, suas origens coloniais e o processo de *americanização*, pontos os quais abordarei a seguir.

EXPLORANDO AQUARIUS

Lançado em 2016, *Aquarius*, foi o segundo longa-metragem de ficção do diretor e produtor Kleber Mendonça Filho. O filme ao expor monumentos coloniais configura-se como um produto *descolonial*. A película teve sua estreia em um momento político delicado para a história do Brasil, uma vez que tinha acabado de ocorrer o processo de impeachment de Dilma Rousseff. Muito caro para pensar a colonialidade brasileira, o objeto traz fatos culturais que questionam as ideologias que sustentaram o golpe de 2016, assim como também remete à ditadura militar de 1964.

² Assemelhando-se a figura do diretor

As primeiras cenas do filme são imagens *anarquívicas* da praia de Boa Viagem no Recife, quando ainda não existiam arranha céus enormes que bloqueiam a passagem do vento e os quais compõem o processo de gentrificação sofrido na cidade do Recife e em outras capitais do país:

Atualmente, usa-se gentrificação para falar da “revitalização”, da “recuperação” ou da “requalificação” (seja lá qual for a expressão usada) de locais degradados a partir de iniciativas públicas e privadas. Trata-se de um fenômeno de natureza multidimensional, que reúne modernização e deslocamento; ou seja, estamos nos referindo à modernização e à melhoria de antigos prédios associadas ao desenvolvimento de atividades culturais em determinadas áreas residenciais, levando ao deslocamento dos antigos moradores. (FERREIRA, 2015, p.1)

Na narrativa de *Aquarius*, esse processo ocorre em um contexto cujo a protagonista Clara, interpretada por Sônia Braga, reside no único apartamento que não foi vendido para uma empreiteira. A empresa pretende construir um condomínio de luxo no local, assim como outros que foram erguidos na orla do Recife. Esse, é um dos últimos prédios antigos que se mantém edificadas na localidade. Portanto, tanto a construção como a personagem resistem ao processo de gentrificação e mantém a estrutura do prédio intacta, preservando, simbolicamente, uma história brasileira que não se rende ao colonizador, o qual pretende construir o *Atlantic Plaza Residence* -nome inicialmente dado ao condomínio de luxo que seria construído no local do edifício *Aquarius*- dessa forma, se vê nesse pensamento uma lógica do imperialismo estadunidense que influencia o pensamento brasileiro contemporâneo. Dialogando com Jessé Souza:

Os Estados Unidos foram e continuam sendo o êmulo de todo brasileiro à procura de um modelo. Como a comparação nos termos da civilização moderna, baseada no cálculo instrumental e na disciplina, ou seja, no domínio do corpo pela “alma” e pela “mente”. (SOUZA, 2015, p.30)

Nesse contexto, a película explora o modelo estadunidense que permeia o imaginário brasileiro coletivo, uma vez que está atrelado a uma lógica do progresso incutida desde os anos 30 através dos movimentos de industrialização do Brasil. Também, essa ideia dialoga com a problemática do capital, posto que a própria protagonista diz em uma de suas falas: “quando você gosta é vintage, quando você não gosta é velho”. Logo, o processo de modernização é um monumento vintage da cultura brasileira já que está presente na história do Brasil a muitos anos juntamente com a urbanização e os ideais de progresso do país. As palavras de Sergio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*, publicadas na década de 30, permanecem atuais:

A urbanização contínua, progressiva, avassaladora, fenômeno social que as instituições republicanas deviam apresentar a forma exterior complementar, destruiu esse esteio rural, que fazia a força do regime decaído sem lograr substituí-lo, até agora por nada de novo. (BUARQUE, 2014, p.209)

Desse modo, pensa-se algumas das fotografias mostradas no início filme (*figuras 1,2,3*) como uma analogia a gentrificação e a urbanização do país, pois aparentemente elas são da década de oitenta, momento em que já existiam alguns prédios na praia da Boa Viagem, mas que ainda eram visíveis as sombras das árvores, não apenas as dos prédios. No final do filme, quando são filmadas as maquetes

dos condomínios de luxo que a empreiteira pretende edificar (*figura 4*), a retomada dessas fotografias é inevitável, uma vez que no século XXI a cidade ainda está nesse processo de revitalização. Sendo assim, ainda se busca um imaginário de colocar a periferia no centro, não apenas por ser uma cidade do Nordeste, a qual dentro da conjuntura brasileira é periférica comparada com os eixos Sul e Sudeste, como também de alavancar o próprio país para um cenário central. Portando, essas fotografias *anarquívicas* atestam uma colonialidade do modelo de urbanização e modernização, a qual faz parte da mentalidade brasileira:

A relação entre passado e presente é uma relação entre passado e futuro. Narração do passado, memória, tradição, herança, testamento funcionam, em certo nível, como sinônimos. A filiação- como o testamento- estabelece uma tradição, uma memória, uma herança. Costuma acontecer, no entanto, que há heranças que são rejeitadas, há legados que despojam, há tradições que, em lugar de memórias, há esquecimento. Entre outras coisas, pela simples razão de que o testamento supõe a existência de um sujeito- individual ou coletivo- que o enuncie e, também, a existência de um herdeiro – individual ou coletivo- que aceite ser interpelado pelo mencionado testamento (ACHUGAR, 2006, p.33)

Atestar, então, essa mentalidade que se perpetua no imaginário brasileiro muito ligada às ideias estadunidenses é denunciar uma colonialidade que permanece. Portanto, o objeto questiona esses fatores culturais ao representar uma personagem da classe média (camada que mais estimula esse imperialismo dos países do Norte, especialmente dos E.U.A), a qual resiste a essa colonização, a essa gentrificação do espaço e que faz questão de manter a memória da cidade e indiretamente uma memória da história do país. Esses fatos do passado estão presentes simbolicamente em alguns acontecimentos da narrativa.

No começo do filme, Clara, aparece curada de um câncer de mama, o qual mutilou um de seus seios. O período é a década de 1980, ou seja, o Brasil ainda estava vivenciando a ditadura militar. Dessa forma, pode-se dizer metaforicamente que a ditadura foi uma mutilação na história brasileira, deixando uma cicatriz na memória do país, não só por causa dos atos de tortura e corpos desaparecidos, mas também por um legado infeliz que é rejeitado, assim como diz Achugar sobre negar uma herança. Entretanto, é necessário sempre ver. O filme, ao colocar o espectador diante dessas imagens de dor da personagem, indiretamente remete ao sofrimento irrecuperável marcado na história do Brasil. Assim, a interpelação de Didi-Huberman se faz necessária:

Nunca poderemos dizer: não há nada para ver, não há mais nada para ver. Para saber desconfiar do que vemos, deveremos saber mais, ver, apesar de tudo. Apesar da destruição, da supressão de todas as coisas. Convém saber olhar como um arqueólogo. E é através de um olhar desse tipo – de uma interrogação desse tipo – que vemos que as coisas começam a nos olhar a partir de seus espaços soterrados e tempos esboroados. (DIDI-HUBERMAN, 2017, p.61)

O autor profere essa afirmação no livro *Cascas* durante uma visita aos campos de concentração nazista, locais que marcaram a história do genocídio inimaginável na Alemanha. Entretanto, a história da ditadura militar no Brasil, ainda é visualizada nas entre linhas da memória brasileira, apesar da comissão da verdade. Ainda, o golpe

militar de 64 é tratado, por alguns, dentre eles o atual presidente Jair Bolsonaro, como revolução e isso é extremamente preocupante, uma vez que milhares de pessoas sofreram diretamente ou indiretamente com esse fato histórico.

Considerando esses fatores, o filme demonstra-se um objeto *descolonial*, ou seja, o diretor Kleber Mendonça Filho, como já tinha feito em *O Som ao Redor*, traz alegorias que edificam um pensamento colonial brasileiro para sua obra audiovisual. Nesse caso, considera-se o fato do diretor e produtor ser brasileiro, morador de um bairro nobre da cidade do Recife e que seus filmes são retratados nesse cenário, logo, são obras híper-realísticas que questionam um imaginário de parcela da população brasileira. Ao expor isso, o objeto torna-se *descolonial*, pensando no conceito erigido por Walter Mignolo juntamente com Grupo de pesquisa *Colonialidade/Modernidade*: “Descolonial significa pensar a partir da exterioridade e em uma posição epistêmica subalterna vis-à-vis à hegemonia epistêmica que cria, constrói, erige um exterior a fim de a sua interioridade.” (MIGNOLO; 2008; p. 304).

Fato que corrobora com a opção *descolonial* do diretor, ainda que em nenhum momento ele tenha falado explicitamente nesses termos, foi a repercussão que o filme teve no ano de 2016, uma vez que os atores protestaram no tapete vermelho de Cannes (*figura 5*) contra o Impeachment de Dilma Rousseff, além da censura que o filme teve na época de sua exibição:

O imbróglio cresceu quando, a poucos dias da estreia comercial, o longa recebeu do Ministério da Justiça a classificação indicativa de não recomendado para menores de 18 anos – dada de acordo com a regra vigente a obras com cenas explícitas de sexo e de violência, caso que não se aplica a *Aquarius* mais do que a casos semelhantes classificados anteriormente em 16 anos. A obra tem algumas cenas de nudez e um trecho de 13 segundos que mostra sexo grupal. A notícia surpreendeu muita gente e foi interpretada como um ato de repreensão do Governo interino, já que dificulta a circulação do filme. “Surpresos com a censura ‘18 anos’ dada a *Aquarius* pelo Ministério da Justiça. É incrível ver que ele está se tornando o filme mais controvertido do ano, aparentemente por celebrar a vida de maneira generosa, por ter um ponto de vista social e político forte e ainda trazer como personagem principal essa coisa assustadora para muita gente que é uma mulher forte, que não leva desaforo para casa”, diz um post oficial no Facebook. (CAMILLA MORAES, 2016)

Esse fragmento da reportagem retirada do EL PAÍS de Setembro de 2016 mostra indícios dessa mentalidade colonialista que erige como uma das bases o patrimonialismo “isto é, uma vida institucional que tem como fundamento uma ‘elite estatal’, também pré-moderna, que parasitaria toda a sociedade.” (SOUZA, 2015, p.18). Nesse caso, a instituição do judiciário que exerceu seu poder ao censurar indiretamente a obra, classificando-a primeiramente como proibida para menores de 18 anos, intuindo a diminuição de bilheteria. A posteriori de sua estreia, a classificação do filme baixou para 16 anos, por conta dos protestos da comunidade cinematográfica e apoiadores da cultura o ministério da justiça voltou atrás da decisão. Mesmo assim, a primeira decisão mostrou que o Estado brasileiro se ofendeu com o filme.

Sem dúvida, um dos motivos que deixou os governantes atônitos com a

produção foi a temática da mulher resistente, personificando a ex presidenta eleita Dilma Rousseff, corajosa não só por ter enfrentado o período da ditadura militar , como também, por ter passado pelo processo de Impeachment falacioso, uma vez que não houve crime de responsabilidade contra ela, encarando esse processo com excelência. É plausível comparar Dilma com Clara. A personagem ficcional enfrentou um câncer (o qual pode ser uma metáfora para a ditadura na diegese fílmica) e foi resistente até o fim ao seu direito de continuar residindo no seu espaço de direito já a ex presidenta resistiu bravamente para manter o cargo que lhe foi concedido democraticamente.

O CUMPIZEIRO CORROE O BRASIL

Em vista desses fatores, o longa foi retalhado pelas autoridades brasileiras que se comportou como crianças mimadas, algo que se repete em 2019 com o governo Bolsonaro. No Brasil contemporâneo, portanto, se perpetua o que Fanon já falava na década de 60 em um contexto Argeliano, nos *Condenados da Terra*, sobre a elite colonizadora que governava sob uma ótica liberalista, vendia as riquezas nacionais para as colônias, legitimando a corrupção e o descaso com a miséria nacional:

Meninos mimados ontem pelo colonialismo, hoje pela autoridade nacional, eles organizam a pilhagem dos poucos recursos nacionais. Implacáveis, erguem-se por meio das mamatas ou dos roubos legais – operações de importação e exportação, sociedade anônimas, especulações da bolsa, cavações – acima dessa miséria hoje nacional. Reclamam com insistência a nacionalização das atividades comerciais, isto é, a reserva dos mercados e das boas oportunidades exclusivamente para os nacionais. Doutrinalmente, proclamam a necessidade imperiosa de nacionalizar o roubo da nação. (FANON, 1968, p.36)

No longa, essa metáfora do menino mimado que comanda ou quer comandar se explícita através da personagem de Diego Bomfim, interpretada por Humberto Carrão, o jovem com formação em *business* (outro monumento estadunidense exposto no filme) , sobrinho do dono da empreiteira; Geraldo Bomfim- envolvido em vários escândalos de corrupção saindo impune deles- faz de tudo para que a protagonista Clara abandone o apartamento onde mora. Nesse contexto, o filme explora a lógica do *Príncipe de Maquiavel*: “o fim justifica os meios”, essa que no Brasil sempre esteve vigente.

Pensando nas estruturas de poder e na conjuntura pública nacional, o nepotismo, a corrupção e o tratamento do meio público como privado são verossímeis na história não ficcional do Brasil. Assim como governar através do medo, seja em um regime militar, nas ameaças a vida de governantes e de fato na aprovação de medidas como a reforma trabalhista ou a reforma da previdência. Todos esses, compõem a instituição do medo, legitimando a soberania na qual alicerça o Estado brasileiro. Em *Necropolítica*, Achille Mbembe cita Bataille, falando sobre a questão do soberano:

‘É ele quem é, como se a morte não fosse... Não respeita os limites de identidade mais do que respeita os da morte, ou, ainda, esses limites são os mesmos; ele é a transgressão de todos esses limites’. Uma vez que o domínio natural de proibições inclui a morte, entre outras (por exemplo, sexualidade, sujeira, excrementos), a soberania exige que ‘a força para violar a proibição de matar, embora verdadeira, estará sob condições que o costume define’. E, ao contrário da subordinação, sempre enraizada na alegada necessidade de evitar a morte, a soberania definitivamente demanda o risco de morte. (MBEMBE, 2017, p.127)

A violência na narrativa se personifica através das invasões de um grupo religioso evangélico, de um grupo de pessoas que fazem uma suruba no prédio, deixando excrementos pelas escadas e por fim, por meio da implementação de um cupinzeiro para destruir as estruturas da edificação. Simbolicamente, a invasão do grupo de religiosos fanáticos reflete os retrocessos e as violências que o país está sofrendo, principalmente no que tange aos direitos humanos, apoiando uma política armamentista e o extermínio de grupos minoritários como os LGBT e os povos autóctones. A segunda invasão não deixa de ser uma ironia a lógica pornográfica do poder em que a troca de favores e a legalização da corrupção (para voltarmos a Fanon) deixa excrementos de corrupção e ilegalidades nesse prédio chamado Brasil. Nele, o síndico governado utilizando o artifício do medo. Conforme Vladimir Safatle:

Não seria equivocado afirmar que sistemas políticos que compreendem como fundamentados na institucionalização de liberdades individuais são indissociáveis da gestão de produção social do medo. A liberdade nas sociedades que inscrevem sujeitos sob a forma de indivíduos é indissociável da criação de uma cultura emergencial da segurança sempre latente, cultura do risco iminente e contínuo de ser violentado. (SAFATLE, 2015, p.20)

Nessa conjuntura, o cupinzeiro representa a última investida do poder soberano colonizador para com o resistente de Clara. A protagonista é a representação de quem não quer deixar tomar-se por dominada. Os cupins espraíam-se nas estruturas do prédio e o final aberto nos faz supor que o edifício terá uma derrocada, entretanto, a personagem principal não deixa barato: age com a mesma violência, ao levar a colônia de cupins para a sede da empreiteira. Os dois agem com violência. Mas a vítima, Clara, a resistente, mesmo deixando seu lar por força maior, faz justiça com as próprias mãos. O filme, a partir dessa atitude da personagem principal, expõe o sistema judiciário brasileiro falido e que está corrompido da mesma forma que os outros dois poderes que constituem o Estado Brasil.

A metáfora do cupinzeiro também é uma metáfora que representa a elite que comanda o país visando os interesses pessoais, despreocupada com as vidas humanas e com o investimento em políticas públicas, ou seja, há no Brasil uma colônia de cupins compôs pelas elites. Essas que protestaram pela saída de Dilma Rousseff. A quais apoiam a política armamentista e a retirada de direitos promovidas por Bolsonaro e que clamam a volta da ditadura militar. Metáfora também para criticar o judiciário que através da *Lava-Jato* representa uma direita reacionária e a mentalidade do retrocesso. Na contemporaneidade brasileira se faz a velha política do medo, da dominação pela força, a que retorna aos estereótipos do coronelismo e do militarismo.

Os cupins formam na parede divisões que remetem as linhas imaginárias que

seccionam o Brasil (*figuras 6 e 7*). Esse que é infestado de pessoas cupins, as quais sugam qualquer possibilidade de desenvolvimento, de saída da miséria, de retomada democrática. Um país que muitos governantes enriquecem pela via pública. Assim a história brasileira é escrita pela *via crúcis* do trabalhador faminto, suado, massacrado por uma rotina exaustiva de trabalho em que a perspectiva da aposentadoria é incerta. Portanto, o câncer do Brasil é o cupinzeiro das elites que se manifesta no alto da pirâmide da sociedade, mas que faz metástase, alcançando as camadas mais pobres.

CONCLUSÃO

O objeto cinematográfico ao atravessar esses paradigmas, ainda que no nível simbólico consegue captar todas essas esferas de uma construção cultural brasileira e do aspecto amorfo de valores que transitam entre a suruba e o culto religioso, entre a arma e a cruz. Também, Clara, torna-se uma personagem que através dos afetos, das amizades, dos seus ideais, não se deixa corromper pelo sistema. Mas ao mesmo tempo a incorruptibilidade é cara a vida. No caso de Clara, seu local de memória e sua rotina diária foram tomados com o abalo na infraestrutura do prédio. No caso de Dilma Rousseff não dar o braço a torcer, tomou o poder dado a ela democraticamente, uma vez que se recusou a jogar o jogo da instituição patrimonialista que é o Estado brasileiro. Nessa conjuntura, também é possível citar Marielle Franco que em busca de justiça teve sua vida retirada brutalmente por um grupo de milicianos que quer se manter vigente. No Brasil atual, várias mentes intelectuais e críticas, estão deixando o país por receber ameaças de morte, estão indiretamente se exilando. O câncer da censura, da ditadura e do poder colonialista são simbióticos ao Brasil até que um trabalho de memória da história - começando pela invasão dos portugueses, as mortes de vários povos autóctones e da escravização de povos africanos- seja feito na mente do povo brasileiro.

A partir de todos esses pontos, portanto, plausível é refletir sobre as imagens explicitadas de forma *descolonial*, justapondo-as à narrativa fílmica e à narrativa histórica do país. Inclusive é de grande necessidade colocar-se diante dessas imagens, uma vez que elas podem passar despercebidas para quem as assistem. Nesse âmbito, *Aquarius* é um filme que promove uma reflexão por seus elementos internos e externos, os quais questionam uma estrutura colonial de Brasil dominada pela elite brasileira. Assumindo uma posição crítica a esses fenômenos que permeiam a história do Brasil e sendo de extrema necessidade olhar para esses fatos e monumentos culturais, os quais estimulam ao espectador se posicionar criticamente as estruturas de poder edificadas no país, além de denunciar dentro de uma esfera internacional o que vem acontecendo no Brasil.

REFERÊNCIAS:

- AQUARIUS. Direção de Kleber Mendonça Filho. Recife - PE: Vitrine Filmes, 2016. Son., color.
- ACHUGAR, Hugo. **Planetas Sem Boca**: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2006, 378 p. Tradução de: Lyslei Nascimento.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras. 2014. 27 ed.
- CAMILA MORAES (Brasil). Censura e protestos aumentam expectativa sobre filme 'Aquarius': Cineastas retiram seus filmes da disputa do Brasil no Oscar 2017 em apoio a Kleber Mendonça. **El País: O jornal global**. São Paulo, 02 set. 2016. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/25/cultura/1472161358_890440.html>. Acesso em: 31 mar. 2019.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cascas**. São Paulo: Editora 34, 2017. Tradução de: André Telles
- FANON, Franz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. 42 v. Tradução de: José Laurênio de Melo.
- FERREIRA, Álvaro. O processo de gentrificação em entrevista com o professor Álvaro Ferreira. **História, Natureza e Espaço - Revista Eletrônica do Grupo de Pesquisa NIESBF**, [S.l.], v. 3, n. 1, jul. 2015. ISSN 2317-8361. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/niesbf/article/view/19545>>. Acesso em: 01 abr. 2019.
- MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, [S.l.], n. 32, mar. 2017. ISSN 2448-3338. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>>. Acesso em: 01 abr. 2019.
- MIGNOLO, Walter. **A opção descolonial e o significado de identidade em política**. Rio de Janeiro: Caderno de Letras da UFF - Dossiê: Literatura, Língua e Identidade. 2008 n. 34. Tradução de: Ângela Lopes Norte. 287- 324 p.
- MONASTA, Atilio. Antonio Gramsci. Recife: Editora Massangana, 2010. Tradução de: Paolo Nosalha. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4660.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2019
- SAFATLE, Vladimir. **Circuito dos Afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. São Paulo: Cosac Naify, 2015. 512 p.
- SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira**: ou como o país deixou se deixa manipular pela elite. São Paulo: LEYA, 2015.



Figura 1 – Imagem antiga do Recife

Fonte: Aquarius (2016)



Figura 2 - Imagem antiga do Recife

Fonte: Aquarius (2016)



Figura 3 - Imagem antiga do Recife

Fonte: Aquarius (2016)



Figura 4 – Imagem de maquete de prédios mostrada em Aquarius

Fonte: Aquarius (2016)



Figura 5 – Atores e diretor de *Aquarius* protestam em Cannes

Foto: REUTERS/Jean-Paul Pelissier (2016). Disponível em: < <http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2016/05/equipe-de-aquarius-protesta-em-cannes-contra-impeachment-de-dilma.html> > Acesso em: 01 abr. 2019



Figura 6 – Imagem dos cupins na parede que remete as divisões do Brasil em *Aquarius*

Fonte: *Aquarius* (2016)



Figura 7- Imagem dos cupins na parede que remete as divisões do Brasil em *Aquarius*
Fonte: Aquarius (2016)

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alberto Valença 12, 13, 16, 17, 20, 22, 23, 24

Alma 19, 37, 39, 43, 44, 45, 47, 48, 177, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 232, 233, 278

Aluno 13, 142, 144, 145, 165, 167, 171

América Latina 88, 97, 109, 174, 175, 176

Aquarius 174, 175, 176, 177, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 187

Audiovisual 1, 2, 4, 10, 109, 110, 112, 117, 179

B

Bahia 1, 2, 3, 4, 5, 10, 12, 13, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 31, 67, 75, 76, 80, 83, 84, 93, 95, 97, 99, 104, 107, 121, 142, 144, 152, 154, 157, 161, 174, 188, 189, 217, 219

C

Carnaval 33, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 100

Carnaval de Rua 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84

Clave 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

Crítérios amostrais 253

Cultura material 164, 219, 220, 228, 232, 233, 275

Cyber-infância 152, 153, 154, 155, 156, 157, 161

D

Descolonial 174, 175, 176, 179, 182, 183

E

Economia criativa 65

Educação especial 162, 163, 165, 167, 170

Educação inclusiva 162, 165, 167, 168, 172

Espírito 42, 48, 88, 190, 204, 206, 208, 209, 211, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 228, 229, 232, 266

Eugenia 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93

F

Fernando Pessoa 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48

G

Guerra Colonial 188, 189, 193, 195, 204

I

Identidade 1, 3, 9, 11, 17, 37, 38, 40, 42, 45, 72, 78, 91, 92, 104, 110, 115, 126, 127, 128, 129, 130, 136, 140, 141, 145, 146, 147, 150, 175, 181, 183, 191, 192, 195, 212, 213, 223, 233, 235, 237, 245, 256, 257, 259, 260, 261, 268, 276

Inclusão 9, 32, 41, 139, 145, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173

Infância virtual 152, 153, 155, 161

J

Jovens negros 142, 147, 149

L

Legislação educacional 162

Literatura 4, 30, 31, 32, 37, 38, 39, 40, 48, 49, 85, 88, 89, 93, 108, 144, 151, 174, 183, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 260, 261

Literatura Brasileira 85, 174

M

Mito 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 57, 83, 201, 202, 207, 209, 210, 212

Museu Gruppelli 219, 220, 221, 226, 230

Música Afro-Brasileira 95, 97, 98

N

Necessidades especiais 162, 165, 166, 167, 168, 170, 171

O

Orientação sexual 118, 253, 254, 255, 256, 257, 260

P

Pintura Iconográfica 12

Práticas lúdicas 152, 153, 154, 156, 158, 160, 161

Psicometria 253, 255

R

Racismo 85, 86, 92, 93, 121, 122, 123, 124, 126, 128, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 143, 145, 146, 147, 150, 193

Regionalismo 1, 2, 8, 9

Relação étnico-racial 142

Relações étnico-raciais 85, 86, 151

Religião 31, 37, 42, 45, 46, 48, 49, 104, 137, 268, 270, 271, 273, 274, 276, 277

Representação 1, 16, 19, 30, 39, 40, 45, 48, 53, 59, 63, 68, 83, 86, 99, 100, 101, 102, 117, 127, 129, 144, 151, 175, 181, 188, 189, 190, 191, 195, 219, 220, 228, 269

Rio de Janeiro 10, 12, 13, 14, 18, 19, 20, 24, 35, 49, 50, 63, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 90, 112, 119, 140, 141, 161, 162, 170, 173, 183, 188, 195, 204, 233, 238, 250, 251, 253, 261, 278, 279

Ritmo Cabila 95

Ritmo Ijexá 95, 96, 100, 101

S

Salvador 3, 11, 12, 13, 15, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 43, 65, 66, 67, 69, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 93, 95, 96, 97, 100, 104, 108, 121, 122, 123, 124, 125, 135, 139, 140, 141, 151, 152, 154, 157, 161, 208, 233

Sebastianismo 37, 38, 40, 45, 46, 47, 48, 49

Sertão 1, 2, 3, 4, 8, 9

T

Tacho 219, 220, 221, 222, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232

Trauma 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195

V

Violência 81, 105, 106, 107, 128, 139, 142, 144, 148, 149, 155, 160, 161, 179, 181, 192, 196, 206, 244, 246, 250, 252, 274

 **Atena**
Editora

2 0 2 0